

SOPA DE RIO – UMA ABORDAGEM DIALÓGICA NA COMUNIDADE

Eduarda Lourenço de Vasconcellos¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Palavras-chave: teatro, comunidade, abordagem dialógica

Começamos a trabalhar em Guandu, comunidade localizada na periferia da cidade do Rio de Janeiro em 2006, como professora de teatro pela ONG Reperiferia², que tem, como se lê no seu site, o objetivo de “desenvolver uma expressão estética e econômica da periferia”. A ONG, que também iniciou seu trabalho em Guandu nesse ano, era responsável pelo gerenciamento da Lona Cultural Sandra de Sá³, local onde as aulas de teatro eram oferecidas.

O Conjunto Habitacional Guandu fica localizado em Santa Cruz, último bairro da extensa Avenida Brasil e o mais distante da região central da cidade do Rio de Janeiro. Santa Cruz é repleta de conjuntos habitacionais onde coexistem diversos problemas de infra – estrutura, como a precariedade do sistema público de saúde, de educação e de transporte; a ausência de opções de lazer e cultura, somando-se ainda a presença do tráfico de drogas e de milícias que organizam a sua maneira a vida dos moradores.

Assim, no contexto social e institucional descrito acima iniciei as aulas de teatro para crianças e pré-adolescentes moradoras do local e de outros conjuntos habitacionais adjacentes.

Em nosso relato buscaremos traçar paralelos entre a teoria da abordagem dialógica do teatro para o desenvolvimento (NOGUEIRA, 2002) e a prática realizada. No entanto gostaria de expor inquietações que balizaram todo o processo e contribuíram para nosso amadurecimento profissional. Apesar do prévio conhecimento das teorias sobre a contribuição do teatro para o desenvolvimento⁴ e o trabalho em outros diferentes locais, nos primeiros contatos com as crianças uma pergunta não silenciava: “Em que realmente pode o teatro contribuir para essas crianças? Será que não seria melhor contratar em meu lugar um médico, um assistente social, um agente de saúde ou um dentista?”.

Os problemas decorrente do precário acesso à saúde e higiene, visíveis na maioria das crianças, contrastavam com a vivacidade apresentada por elas durante as aulas, mas não deixavam de inquietar-nos. O impulso de realizar um encaminhamento para a área de saúde levou-nos a

¹Psicóloga, Mestre em Teatro na linha de pesquisa Teatro-Educação e Pedagogia no Ensino e na Comunidade

² www.reperiferia.com.br

³ O projeto Lonas Culturais da Prefeitura do Rio, implantado pela Secretaria Municipal das Culturas em 1993, é uma ação de inclusão cultural que busca multiplicar o acesso à cultura e descentralizar a produção artística da cidade.

⁴Em minha dissertação de mestrado intitulada “Teatro e desenvolvimento humano: perspectivas para a educação” exponho as diferentes abordagens teatrais que contribuem de alguma maneira para o desenvolvimento humano dentro de diferentes perspectivas: a social e a política, a psicoterapêutica e a educacional.

procurar os responsáveis do projeto Reperiferia e deixá-los cientes das características e necessidades das crianças que freqüentavam as aulas de teatro. No entanto, no decorrer das primeiras aulas a presença massiva e plena das crianças, a vontade e a abertura para os jogos teatrais propostos, impuseram-nos diante de um fato: as crianças estavam ali espontaneamente para as aulas de teatro. Se assim era, o que deveríamos fazer era somente isso: dar aulas de teatro.

A prática teatral

Sempre trabalhando com a perspectiva dialógica e com o jogo teatral (SPOLIN, 2005) sugerimos ao grupo que apresentassem o Guandu, o lugar onde moram. Várias improvisações foram realizadas e percebemos ao longo do trabalho o desconhecimento das crianças da palavra Guandu e sua relação com o rio que corta e originou o nome da comunidade.

Quando as crianças eram perguntadas sobre o que poderia significar Guandu ouvíamos respostas diversas, como: “É o nome do prefeito ou do seu filho, por isso ele colocou aqui”, “É o nome de um duque”, “Deve ser o nome de alguém importante”. Em nenhum momento a relação com o rio surgiu.

Solicitamos, então, que as crianças perguntassem a seus pais e familiares sobre a origem do nome do local e, para surpresa nossa, nas improvisações a relação com o rio novamente não apareceu. As improvisações retratavam as crianças perguntando a seus familiares e sempre ouvindo: “Sei lá meu filho, não vê que eu tô ocupada!”, “Ah! Pergunta pra sua professora, que eu não sei”, “Sai daqui menina tenho ainda muita roupa pra passar”.

A partir dessa situação o tema do nosso trabalho se apresentou e reconhecemos como frutífera a proposta de trabalhar com a identidade da comunidade a partir de seu nome. Por se tratar da representação de um aspecto da realidade, o que nos leva a identificá-lo com o conceito de codificação de Paulo Freire (1972), um dos eixos teóricos da abordagem dialógica, não só vislumbramos as possibilidades de reflexão desse conteúdo, mas também reconhecemos as possibilidades cênicas contidas nele. O conceito apresentado assim é definido por Freire: “A codificação representa uma dada dimensão da realidade da forma como é vivida pelo povo, esta dimensão é proposta para ser analisada num contexto diferente do que ela é vivido”. (FREIRE, 1972:32)

Na proposta de teatro dialógico para o desenvolvimento a codificação é definida pela comunidade, mas em nosso caso a extraímos a partir da fala daquele grupo. É importante frisar que, mesmo encontrando pontos de contato com a abordagem dialógica para o desenvolvimento, nunca foi nosso objetivo propor a solução de problemas para o grupo ou para a comunidade, objetivo original dessa abordagem. O que buscávamos naquele contexto, apesar da inquietação inicial apresentada no começo deste artigo, era apresentar às crianças a possibilidade do teatro enquanto

meio de expressão artística e, em nosso entender, somente há uma expressão genuína quando os atores, da peça e sociais, se apropriam do discurso.

Na busca dessa apropriação propusemos que as crianças elaborassem listas onde colocariam as coisas boas e ruins do Guandu. Depois solicitamos que pensassem Guandu como um cheiro, um sabor, um som, uma cor, uma textura. A riqueza de dados levantados sobre o local contribuiu para ampliar a visão das crianças a respeito da sua comunidade. Enquanto uns lembravam do cheiro da barraca de doces, outros enfatizavam o cheiro do esgoto e assim fomos juntos, construindo o mapa da comunidade a partir das impressões daquelas crianças. Com esse mapa traçado as crianças tinham um rico material para suas improvisações.

Paralelamente as crianças estavam pesquisando com seus familiares a origem de seus próprios nomes. Mas o desvelamento da realidade sobre o por quê do nome Guandu surgiu somente após discussões e a apresentação de informações sobre o rio que corta a comunidade⁵. Mas agora, com a curiosidade aguçada, as crianças também queriam saber porque o nome do rio era Guandu. Assim nossa pesquisa avançou e descobrimos que Guandu é uma leguminosa, muito parecida com feijão e ervilha, que já foi abundante na região.

Nesse momento é percebido mais claramente um ponto de contato com a realidade do local. Muitos pais e avós das crianças conheciam a leguminosa, que nascia espontaneamente na margem do rio e já haviam, inclusive, tomado Sopa de Guandu. Esse foi o mote de nossa construção cênica – uma brincadeira com Sopa de Guandu/ Sopa de Rio. Para essa construção também agregamos informações sobre os primeiros moradores da região, os índios Tupi-guarani, que em nossas improvisações surgiram como os responsáveis pela realização da primeira Sopa de Guandu.

Nosso resultado cênico, denominado Sopa de Rio⁶, foi apresentado na Lona Cultural Sandra de Sá e no Teatro da Cidade das Crianças, sendo muito bem recebido pelos moradores da comunidade. Posteriormente as crianças comentavam que eram reconhecidas nas ruas, na escola e sempre alguém entoava a melodia utilizada na cena.

Durante o processo de codificação/descodificação, a dificuldade, e porque não dizer a impossibilidade, de reconhecer a influência do nome do rio na denominação da comunidade nos sugere algumas hipóteses, que gostaríamos aqui de elencar.

Através das falas das crianças há indicadores que elas percebem uma imposição de algo distante e exterior que determina o nome da comunidade. Guandu poderia ser o nome do prefeito ou de um duque, pois são eles, os superiores que organizam o *statu quo*.

Numa outra perspectiva poderia também haver uma rejeição em relação á identificação com

⁵ O Rio Guandu, que tem sua nascente na Serra do Mar, é responsável por 80% do abastecimento de água do Grande Rio, mas chega à Santa Cruz com seu volume bastante reduzido e poluído.

⁶ O resultado cênico foi gravado, editado e mixado pelo diretor musical Luciano Pozino.

o nome do rio pois, apesar de sua importância para o Rio de Janeiro, o rio chega atualmente ao bairro de Santa Cruz com um volume muito reduzido e extremamente poluído, não trazendo nenhum motivo de orgulho.

Observações finais

Através do trabalho desenvolvido em Guandu é possível observar a importância do teatro dentro de comunidades no sentido de dialogar com a realidade, com a cultura e com o imaginário das pessoas envolvidas no processo das aulas de teatro. O teatro pode contribuir para o desenvolvimento social no momento em que possibilita que seus participantes se apropriem criticamente da realidade da qual estão falando e na qual estão imersos. A mera repetição de peças não levaria a uma verdadeira expressão artística, aqui entendida como expressão, não só dos atores da cena, mas também dos atores sociais.

A abordagem dialógica do teatro para o desenvolvimento, bastante utilizada no continente africano (NOGUEIRA, 2002) nos indica alguns caminhos para trabalharmos em nossas comunidades. O conceito de codificação/descodificação, uma das bases epistemológicas da abordagem dialógica para o desenvolvimento, mostrou ser um importante instrumento que pode auxiliar na construção do pensamento crítico de nossos atores.

O desvelamento da realidade propiciado no processo da construção do resultado cênico denominado Sopa de Rio mostra que a arte, aqui o teatro especificamente, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais atenta ao que se passa a seu redor, mais consciente, mais informada e quiça, mais crítica.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. **Buscando uma interação teatral e dialógica com comunidades**
In: Urdimento, Revista de Estudos Teatrais na América Latina. Rio de Janeiro, 2002 (nº 4)

VASCONCELLOS, Eduarda Lourenço. **Teatro e desenvolvimento humano: perspectivas para a educação**. 2006, Dissertação (Mestrado em Teatro) Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teatro, Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005

“A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”.